

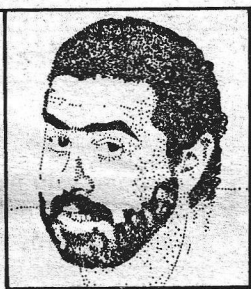
quando trabalhou no **JB**. Excelente pauteiro (teria sido um bom secretário de jornal também), uma pauta sua poderia ser lida com o mesmo agrado com que se lia boas matérias impressas. E vivia uma contradição: às cinco da manhã estava preparando a pauta e de volta a seu apartamentinho, em Copacabana, lia os filósofos gregos. Além do abismo, teria comentado uma vez, na redação, que produzir uma boa pauta não era o problema; difícil, na verdade, era encontrar os bons repórteres para as matérias.

Ele e seu tempo permitirão um retrato descarado da situação do chamado intelectual da classe média — ou metido nela — no Brasil. De um lado, um homem que “pensa” o povo e até com intenções confiáveis; de outro, o homem que terá poucas vezes viajado num trem suburbano da Central do Brasil, para dar um exemplo.

Não é tão simples — trata-se também de um jogador. Não o jogador sem limites, feroz, terremoto constante, para quem havia paredes demais à sua volta e que insistia em beijar o céu, como se poderá dizer de um Jimi Hendrix. Mas um conhecedor de corridas de cavalos que, num momento aceso, é exímio e capaz de ditar, com rapidez, pois, está ocupado com outras tarefas, o texto de uma capa de Caderno B sobre as possibilidades de um Grande Prêmio Brasil no Hipódromo da Gávea. Logo, conhecedor profundo e terá sido sua uma frase dita numa vespéral de sábado na Gávea: “se a gente fosse jogador de gabarito, hoje poderíamos quebrar com eles”. Ou seja, se tivéssemos dinheiro, morderíamos uma nota dos banqueiros.

Anistiado, na sua volta ao Brasil, virando foto de primeira página nos jornais, no turbilhão das entrevistas e do sucesso, principalmente do seu primeiro livro, ele deixa que a metamorfose vá continuando. Ela passa pela camiseta verde-e-amarela que usa, pela sunguinha de crochê ou pelo redescobrimento do Brasil que tenta, com seriedade, fazer. Assumir a mudança ou até buscá-la está ainda no seu modo de vestir e no comportamento.

Enfrenta um meio hostil, sempre. Muito preconceito o cerca e não tem perdido a elegância. Não afeta virilidade e sabe conversar olhando nos olhos. Agora, no Partido Verde, num caiaque na manifestação contra a poluição do rio Tietê; antes, nos debates quando candidato a governador do Rio de Janeiro. O nível baixara tanto que ele disse, sem gritar, mas firme: “socorro”.



Gabeira, no verde: um camaleão distante do eleitor

Gabeira

Um candidato grita socorro!

João Antônio

É um personagem que tem a coragem de mudar. Ou de tentar isso, até dramaticamente e peitando preconceitos. De assim, o que atrai no seu perfil é o feixe de contradições, menos dele e mais do país. E do nosso tempo brasileiro. Sua trajetória propicia ainda um estudo sobre o mecanismo da fama entre nós, sobre a nossa falta de memória e sobre os meios de comunicação que refletem o chamado sucesso. Tanto personagem quanto ambiente, tempo e espaço, são desconcertantes. A imaturidade é uma tônica no país dos despreparos; há necessidade brutal e urgente de modernização e há resistência grande contra isso exercida por forças conservadoras na mão dos poderosos.

Pensa-se que ele viveu uma metamorfose depois de banido do país, após o episódio do primeiro grande seqüestro, o do diplomata Elbrich, depois do Ato Institucional número 5.

A meu ver e sentir, há um equívoco. A metamorfose começou antes, ele já tinha a inclinação para as mudanças fortes na década de Sessenta